Correio da Manhã

Circula em conjunto com:
CORREIO PETROPOLITANO
CORREIO SUL FLUMINENSE

Rio de Janeiro, Segunda-feira, 4 de Agosto de 2025 - Ano CXXIII - Nº 24.823

Zeca Baleiro e Lô Borges unidos em parceria
PÁGINA 3

Crítica ao racismo, 'M8' chega à grade da Netflix
PÁGINA 4

Espetáculo aborda dilemas do amadurecimento
PÁGINA 6

2º CADERNO

Caminhos abertos *para o ancestral*

Mostra na Caixa Cultural reúne 14 artistas em diálogo com mitos de criação das religiões de matriz africana.

Continua na página seguinte

Aryson Heráclito

Um viés menos **eurocêntrico para a arte**

Aryson Heráclito

Ayrson Heráclito: Odé com Ofá (série Banhistas, 2007)

Divulgação

Zé Adário: Ossain, 2019 (escultura em ferro

Divulgação

Mário Cravo Neto: Sem título

Mário Cravo Neto

Mário Cravo Neto: Filhos de Gandhy , décaade de 1990

Por Affonso Nunes

A Caixa Cultural inaugura nesta terça-feira (5) "Entre o Aiyê e o Orun", exposição que mergulha nos mitos da criação do mundo e da humanidade segundo as religiões de matriz africana. A mostra reúne obras de 14 artistas em técnicas diversas, todas atravessadas pelas narrativas afro-brasileiras.

O projeto articula pinturas, desenhos, esculturas e fotografias em torno de três eixos centrais: Exu, entidade mensageira entre os mundos material e imaterial; Oxalá, considerado o grande pai na criação dos homens; e Oduduwa, divindade responsável pela criação do mundo. "A exposição pretende fomentar novas narrativas num viés menos eurocêntrico da história da arte, saudando nossa ancestralidade", explica a curadora Thais Darzé, que promove uma visita guiada às 17h do dia de abertura da exposição.

Entre os artistas estão nomes como Carybé, Emanoel Araújo, Mario Cravo Jr., Mestre Didi, Pierre Verger e Rubem Valentim, ao lado de contemporâneos como Ayrson Heráclito e Caetano Dias.

SERVIÇO

ENTRE AIYÊ E O ORUN
Cultural (Av. Almirante Barroso, 25, Centro)
De 5/8 a 26/10, de terça a domingo
Entrada franca

Fundação Pierre Verger

Pierre Verger: Nànà Buruku, Ilê Axé Opô (1973)

Divulgação

Nádia Taquary: Oxum Apará (miçangas de vidro da República Tcheca, com prata, cristal e búzios)

Divulgação

Mestre Didi: Sem título (nervura de palmeira,couro pintado,búzios e contas)

Carybé

Carybé: Cerimônia para Oxalufã - Opô Afonjá (nanquim e aquarela aguada sobre papel)

Lô Borges em estado de **reinvenção constante**

Cantor e compositor mineiro lança single em parceria inédita com Zeca Baleiro

Por **Affonso Nunes**

Mesmo sendo uma das referências do Clube da Esquina, Lô Borges não se acomoda no caminho percorrido. Aos 72 anos, o artista mineiro segue se reiventando: desde 2019, adotou um ritmo de lançamentos anuais marcado pela busca por novas parcerias, convidando diferentes letristas para suas melodias. A mais recente colaboração une Lô ao maranhense Zeca Baleiro no single "Antes do Fim", lançado nas plataformas digitais no último fim de semana.

"Foi algo inesperado e uma honra para mim. Um belo dia fiz três músicas no violão e me veio o Zeca na cabeça. Falei com ele, de quem sempre fui fã, e, em pouco tempo ele me mandou letras maravilhosas. Até brinquei que ele estava me enxergando por Raio X, de tanto que eu me identifiquei", brinca Lô.

Para Baleiro, o convite representou momento especial. "Fiquei meio em êxtase. E quando ele me mandou a primeira melodia foi mágico, porque o Lô tem um modo muito particular de compor, de harmonizar, de fazer melodias, de cantar. É um cantor muito especial, muito peculiar".

Gravada em duteo, "Antes do Fim" explora o contraste vocal do timbre dos dois artistas. "Foi uma das primeiras que fizemos e tem um equilíbrio interessante da dança das vozes, uma hora só a minha, ou hora só a dele", explica Lô.

A temática aborda questões contemporâneas sem abrir mão da poesia. "Lô queria letras que tocassem em temas atuais, mas com poesia - crise climática, bigtechs, uso da tecnologia etc. 'Antes do Fim' fala do eterno tema 'o fim do mundo', neste caso sob uma visão de que o poder financeiro (e cibernético) na mão de poucos levará o mundo a um colapso, e que a 'saída' é buscar uma vida simples e amorosa", resume Baleiro.

Flávio Charchar/Divulgação

Lô conta que, ao compor três novas melodias, decidiu enviá-las para Zeca Baleiro letrar

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Nova parceria

Marco Baptista acaba de lançar a faixa "Se Não For Você" em parceria com Bryan Behr. A balada pop sobre amor sem reservas traz produção de Victor Amaral e Túlio Airold. "A canção é sobre amar sem dúvidas, sem medo, sobre botar pra fora tudo que o coração sente", explica Marco, que assina a composição. O videoclipe estreia na sexta ao meio-dia, com direção de Mariana Martins e Pedro Ortega. Bryan Behr destaca a "voz marcante e melancolia bonita" do seu mais novo parceiro.

Divulgação

Sob o signo da Bossa

Laufey lança o videoclipe de "Lover Girl", single com influências da bossa nova. Dirigido por sua irmã gêmea Junia Lin e filmado no Japão, o vídeo acompanha a faixa que viralizou no TikTok e integrou sua apresentação no Poplad Festival em São Paulo. A música compõe o álbum "A Matter of Time", previsto para 22 de agosto, que já ocupa o 2º lugar no Spotify Countdown Charts global. A artista, que mistura jazz, clássico e pop, vendeu mais de 250 mil ingressos em sua turnê americana, incluindo shows esgotados no Madison Square Garden.

Newton Medeiros/Divulgação

Conflito de gerações

As Velhas Virgens lançam "Geração Fofa", primeiro single do álbum "Ogros do Século Passado". Big rock panfletário que nasceu como um texto despretensioso que Paulão de Carvalho enviou para Alexandre "Cavalo" Dias musicar, a faixa aborda o choque geracional entre roqueiros veteranos e millennials/Geração Z. um Gravado em Boituva (SP) com Gabriel Fernandes e finalizado em Los Angeles, o trabalho marca os quase 40 anos da banda paulista. O disco completo será o 20º da carreira do grupo, uma referência entre as bandas independentes do rock brasileiro.

Divulgação

Mariana Nunes é a enfermeira Cida, que ajuda Maurício (Juan Paiva) a lidar com os fantasmas do racismo em 'M8'

Geometria da discriminação

Nas raias da tensão, com um pé no fantástico, pelas vias da ancestralidade, 'M8', lançado pelo realizador de 'Bróder', leva à Netflix uma crítica feroz à microfísica do racismo

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Rezam as mitologias associadas ao iorubá que "Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que só arremessou hoje", por ser uma esfera que gira e nunca para. Nessa lógica, ou melhor, nessa mística, "M8 – Quando a morte socorre a vida", de Jeferson De, hoje com destaque na Netflix, é um "filme exu", não apenas por congregar em sua narrativa a onipresença de uma luta secular – a do respeito às populações negras –, mas por servir de mensageiro a muitas vozes que clamam pelo fim da intolerância. O streaming agora lhe assegura o destaque justo.

É uma narrativa mensageira que saiu do Festival do Rio 2019 laureada duplamente (menção honrosa e com o prêmio do júri popular), numa dupla vitória que coroa seu elenco em estado de graça, com Mariana Nunes em seu apogeu. Não é um longa-metragem de digestão fácil – assim como nosso país -, o que faz dele uma experiência de ruminação... algo a ser absorvido aos poucos, pra doer, em sua percepção das microfísicas do racismo numa terra onde um estudante de Medicina é sempre discriminado por sua cor. Há ainda muitas camadas na cartografia de exclusão empreendida por seu realizador: fala-se da comunidade queer, de desequilíbrio de classes, da miopia das instituições de ensino em relação aos desajustes de classes, de solidões que se aguardam. Cida, personagem de Mariana, enfermeira que criou o filho sozinha, é quem vem expor o fardo de mulheres solitárias que, na maternidade, reinventam-se como guerreiras.

Num domínio pleno da direção, Jeferson transborda sua autoralidade, que vem lá de "Bróder" (2010), não só pela menção a grandes ícones das lutas raciais (a doce menção à escritora Conceição Evaristo é um dos sinais), como por sua habilidade de investigar vários vértices da geometria do Real, sempre do ângulo do desdém e do abandono político, indo e voltando às mesmas situações de modo a expor podridões institucionalizadas.

Baseada em um romance de Salomão Polakiewicz, a trama parecia ser algo próximo de "Morto Não Fala" (2018), ou seja, um rapaz que transita entre cadáveres consegue se comunicar com um deles. Parecia ser um devir exu num prisma mítico, metafísico, mas o universo temático de Jeferson é físico e ferido demais pra isso. O caminho de Jeferson é outro, bem distante da trilha do dito ExtraOrdinário (termo da moda na crítica, ligado a manifestações de situações misteriosas) das narrativas de gênero. É um drama de exumação de escoriações sociológicas que perduram desde o crime da escravidão.

Analisamos as dissonâncias do Brasil, guiados por Jeferson, com foco nas transformações na rotina do estudante Maurício (Juan Paiva, de uma retidão invejável), que cursa Medicina na UFRJ. Em meio à dissecação de um corpo no Fundão, para estudar sua anatomia, ele, ligado a religiões de matriz africanas, sente que a alma do tal corpo está por ali. Essa é a sensação inicial. E, de fato, há algo de errado com essa alma, associada a um corpo (negro) batizado de M8 – quem dá vida a essa figura, que se manifesta como assombração, é o ótimo Raphael Logam, da série "Impuros".

A inquietação de Maurício não é com encostos e sim com a injustiça social que reduziu aquela pessoa a uma sigla, sem um enterro, sem mãe para reclamar sua pertença. Mais do que isso, incomoda o fato de todos os corpos para estudo serem corpos negros, enquanto ele é a única pessoa que se identifica como preto de sua classe... quiçá de toda a universidade. Segue-se aí uma jornada de múltiplas vias.

Muitos ventos sacodem sua jornada, mas há uma brisa que o acolhe: a brisa dos conselhos de Cida, Mãe Coragem que faz Mariana Nunes botar o cinema brasileiro no bolso. E ainda tem cena dela com uma lenda morta da cultura pop brasileira: Pietro Mário (1939-2020). Eternizado como o Capitão Furacão na TV, o ator e dublador (voz de Tony Soprano no Brasil) brilha no papel do médico rico que é patrão de Cida e tutor-padrinho de Maurício. Ele foi um brilho que a fotografia construída por Cristiano Conceição valoriza bem, sem nunca incorrer em excessos.

ENTREVISTA / LÚCIO VILLAR, CRÍTICO, DOCUMENTARISTA E PROFESSOR

‘A Paraíba tem raízes profundas no cinema que são pouco conhecidas’

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Salas de aula e artigos acadêmicos são testemunhas do amor e do respeito que o professor da Universidade Federal da paraíba (UFPB) e documentarista Lúcio Villar nutre pela obra de Linduarte Noronha (1930-2012), realizador responsável pelo seminal “Aruanda” (1960), ao qual se atribui papel deflagrador do Cinema Novo. Suas imagens já instigaram múltiplas análises do educador paraibano, assim como inspiraram o título do festival que ele criou em João Pessoa, há duas décadas. O matrimônio intelectual entre o pesquisador e o patrimônio artístico que o instiga se estende agora ao precioso acervo de críticas publicadas por Linduarte na imprensa.

As páginas de “Luz, Cinefilia... Crítica!” (Ed. A União) é um trabalho arqueológico de resgate de memória que reencontra (e revisita) textos publicados entre 1956-1967. Clássicos são tema de resenhas de tom poético nesses achados. Villar fala de Linduarte em filme também. O .doc “O Homem Por Trás do Cinema Novo”, previsto para 2026, traz imagens rodadas na Serra Talhada, no sertão paraibano, que revivem a rodagem de “Aruanda”.

De que maneira pensar o legado de Linduarte Noronha na crítica é pensar o papel da literatura cinéfila (ou cinematográfica) do Brasil das últimas seis décadas?

Lúcio Villar: Revisitar os escritos de Linduarte Noronha é também revisitar a trajetória da crítica cinematográfica brasileira dos últimos sessenta anos. Mesmo distante dos grandes centros, em um Brasil ainda mais periférico, ele representa uma geração formada pela cinefilia de base — aquela que se construiu nos cineclubes, em meio à efervescência cultural dos anos 1950. Seu percurso é exemplar: um crítico forjado pela paixão pelo cinema, com olhar atento e comprometido, que antecipa debates e formas que viriam a marcar o pensamento crítico nacional. Comparado às novas gerações, moldadas pelo digital e pelas redes sociais, Linduarte emerge como um símbolo de um tempo em que a crítica era, antes de tudo, um ato de resistência ideológica e formação cultural, talvez resida aí seu maior diferencial.

De que maneira Linduarte se posiciona como um criador de imagens (e de pensamento) na cultura audiovisual do Nordeste?

Linduarte fez a travessia do papel à câmera, como outros grandes nomes que começaram como críticos e se tornaram cineastas — a exemplo de Godard, na França, ou Walter Lima Jr., no Brasil. Sua vivência no cineclubismo e sua condição de crítico de cinema do jornal “A União” foram fundamentais nessa transição. Com “Aruanda”, ele não apenas filma o sertão, mas inventa uma nova forma de vê-lo: uma linguagem que mistura o real com a ficção, o sol como luz dramática, a crueza como estética. Ele é, de fato, o primeiro que ousou filmar o chamado Brasil profundo – o sertão nordestino – usando o sol como aliado. Com isso, junto com seu fotógrafo Rucker Vieira, vão gerar uma fotografia e uma narrativa anticanônicas, por excelência, para as convenções do cinema documental até então instituídas. Inaugura, segundo Glauber Rocha, o moderno documentário brasileiro. “Aruanda” não é só um filme; é uma revolução visual e conceitual.

Gustavo Alcântara/Divulgação

Seu livro celebra não apenas a obra de Linduarte, mas toda a cinefilia do Nordeste e a produção da região. Onde a Paraíba se posiciona nesse cenário? Que faróis hoje o estado acende nas telas?

A Paraíba tem raízes profundas no cinema que são pouco conhecidas. Muito antes de Linduarte, nos anos 1920, já havia Walfredo Rodriguez, pioneiro do documentário local e marco zero da cinematografia paraibana. Durante o século 20, o documentário foi a expressão maior do estado. A ficção só ganhou força mais recentemente, no século 21, com destaque para o que se nomeou de “primavera do cinema paraibano”, entre 2018 e 2019. Hoje, a ficção avança com consistência, mas o documentário permanece como uma espécie de DNA da produção local — ou, como dizia o saudoso Vladimir Carvalho, “segue na veia do paraibano”.

Como foi seu primeiro contato com Linduarte e de que forma ele permanece vivo nas potências audiovisuais da Paraíba?

Assisti “Aruanda” pela primeira vez no início dos anos 1980, na UFPB, e só fui conhecer Linduarte pessoalmente cerca de quinze anos depois, em 1999, como repórter cultural do jornal Correio da Paraíba (hoje extinto). Naquele encontro, me dei conta de que sua importância ia muito além do curta-metragem emblemático de 65 anos atrás. Ele permanece como uma referência incontornável. Ao entrevistar o cineasta Jorge Bodanzky, na semana passada, em São Paulo, para um filme que estou produzindo sobre Linduarte, ouvi dele uma frase marcante — “Não é possível falar de Cinema Novo sem passar por Linduarte Noronha”. Isso diz tudo, creio eu.

Que boas novas podemos esperar do Fest Aruanda para 2025?

O Fest Aruanda completa 20 anos em 2025 — uma marca que o consagra como o festival mais longevo da Paraíba. Estamos tratando essa edição como uma efeméride especial, e ela virá com uma série de novidades. Ainda em fase de gestação, começaremos a anunciar essas ações a partir do mês de agosto. O que posso adiantar é que será uma celebração à altura da trajetória que construímos até aqui.

CORREIO CULTURAL

Léo Lara/Universo Produção

Antônio e Camila Pitanga: carreira e ativismo

Antônio e Camila Pitanga no Conversa de Bar nesta segunda

O projeto Conversa de Bar retorna nesta segunda-feira (4) ao Teatro Rival Petrobras com Antonio e Camila Pitanga. Pai e filha discutem carreira, ativismo e relações familiares no espetáculo "Família, arte e resistência". Camila, que dirigiu o documentário "Pitanga" sobre o pai, integra o elenco de "Malês", filme dirigido por Antonio com estreia em outubro. Idealizado pelo jornalista Pedro Henrique França, o projeto aborda temas contemporâneos com informalidade característica de conversas de botequim. A apresentação marca o encontro artístico entre duas gerações de uma família Pitanga unida pela arte e pela militância. Grátis.

No estúdio

Começaram as gravações da temporada de "Espelho - 20 Anos Depois", programa idealizado e apresentado por Lázaro Ramos. Após duas décadas, os novos episódios vão revisitar temas que marcaram a história da atração a partir de um novo olhar.

Continuação

A franquia brasileira "Se Eu Fosse Você", em que os personagens de Tony Ramos e Glória Pires trocam de corpo, acaba de anunciar oficialmente o seu terceiro filme. A sequência marca o retorno dos dois atores como o casal Cláudio e Helena.

No estúdio II

Entre os convidados, estão os atores Tony Ramos e Andrea Beltrão, os jornalistas Gilberto Porcidônio, Zileide Silva e Eliane Alves, o rapper Xamã e a cantora Ebony. O programa tem estreia prevista para o primeiro semestre de 2026 no Canal Brasil.

Continuação

De acordo com a descrição divulgada até o momento, a dupla terá de enfrentar novos dilemas familiares, com direito ao risco de uma nova troca de corpos vinte anos depois da primeira confusão. Cleo Pires viverá a filha do casal.

Julia Morais/Diuvulgação

Dora de Assis e Dora Frein se dividem no papel da menina Lila em 'Lagartixa sem Rabo, peça inspirada no livro da primeira

Desafios da **transição**

'Lagartixa sem Rabo' estreia no Teatro Glaucio Gill explorando as dores do crescimento através do olhar infantil

Baseado no livro homônimo de Dora de Assis, "Lagartixa sem Rabo" chega aos palcos cariocas nesta quinta-feira (7) de agosto no Teatro Glaucio Gill, trazendo uma reflexão sensível sobre o amadurecimento feminino.

Dirigida por dirigida por Gabriel Rochlin, a narrativa acompanha Lila, garota que desenvolve o peculiar hábito de cortar rabos de lagartixas como forma de lidar com as frustrações e culpas que emergem durante seu crescimento.

A personagem tem sua interpretação compartilhada por Dora de Assis e Dora Freind, atrizes com trajetórias entrelaçadas no teatro, cinema e televisão. "Durante o processo criativo, resolvemos interpretar a mesma personagem", revela Dora de Assis. "Nós sempre somos confundidas uma com a outra. Além do mesmo nome e da voz parecida, levemente rouca, estudamos na mesma escola, fizemos teatro no mesmo lugar e trabalhamos juntas inúmeras vezes."

A dramaturgia percorre momentos cruciais da muitas vezes problemática transição da infância para a adolescência, abordando desde a doença do avô até a primeira menstruação, passando pelos primeiros contatos com a sexualidade. Cada situação é filtrada pela perspectiva infantil, onde pequenos dramas ganham proporções monumentais.

"O espetáculo fala de situações limite, das quais não temos retorno e somos obrigados a crescer, ir além do que já fomos até então", reflete a autora. "É sobre as marcas que as coisas deixam em nós e sobre as marcas que deixamos nas coisas."

Gabriel Rochlin destaca uma forte característica das sensações infantis. "Quando somos crianças, as sensações ganham outra dimensão. Tudo é muito exagerado. O medo se torna uma grande dor, como se tudo fosse uma questão de vida ou morte."

A perspectiva feminina permeia toda a narrativa, explorando como a culpa se manifesta no processo de socialização das meninas. "A peça traz a visão de uma menina em fase de crescimento e como ela aprende a lidar com a culpa", analisa Dora Freind. "Devido ao patriarcado, as mulheres são socializadas de uma determinada maneira em que a culpa sempre as acompanha."

O projeto visual, assinado por Julia Morais, que também atua como assistente de direção, utiliza o crochê como elemento unificador entre cenário e figurino. "A linha conversa o tempo todo com a dramaturgia. Tem a manualidade, a linha que une, o fim da linha, o corte do fio e do rabo de lagartixa", explica a multiartista.

O texto original, escrito há quatro anos já com a intenção teatral, será simultaneamente lançado em livro pela Editora Philos durante a temporada.

SERVIÇO

LAGARTIXA SEM RABO
Teatro Glaucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde s/nº - Copacabana)
De 7 29/8, às quintas e sextas (20h)

CRÍTICA / RESTAURANTE / ANTIQUÁRIO DO BREGANHA

O valor das **tradições**

Por **Cláudia Chaves** Especial para o Correio da Manhã

No coração do Leblon, o Antiquário do Breganha é mais que um restaurante — é um pedaço do Brasil antigo servido à mesa com alma e muito sabor. O ambiente é acolhedor e cheio de charme: chão de pastilhas, mesas de mármore, cadeiras de madeira pesada e os tradicionais azulejos azuis e brancos que nos transportam direto para a cozinha da infância.

As paredes contam histórias e arrancam risos com cartazes cheios de ditos populares bem-humorados, criando uma atmosfera leve, perfeita para um almoço preguiçoso com amigos ou família.

O cardápio é uma ode à comida brasileira de raiz, feita com respeito e fartura. Tem feijoada temperada com as carnes em bom tamanho; mocotó delicioso, a rabada que solta dos ossos com angu, bobó de camarão, torresmo estalando, moela cozida no ponto com o pão para chuchar, caldinho de feijão e de mocotó — tudo como manda a tradição. Destaque para os pastéis crocantes, recheados generosamente com Catupiry verdadeiro, o legítimo, sem truques, que derrete na boca.

Para beber, a casa oferece desde o tradicional chopp cremoso e cerveja estupidamente gelada até uma preciosidade: a batida de limão com cachaça de banana. O dulçor frutado da banana encontra o amargor cítrico do limão num equilíbrio perfeito, fazendo dessa mistura a companhia ideal para os pratos intensos e carregados de sabor.

Tomás Vélez/Divulgação

O cardápio da casa é uma ode à cozinha brasileira

Aos sábados, o restaurante se transforma com o buffet de feijoada completa , servida até às 16h com todos os acompanhamentos clássicos: arroz, couve, farofa, laranja e barriga de porco crocante. Tudo preparado com esmero pela chef Helena Murucci, que imprime afeto e técnica em cada receita.

O atendimento de todos é caloroso, atencioso e rápido, com Jefferson e Ivan à frente.como se fosse um almoço de famíli. Sem pressa, mas com muita atenção aos detalhes. A churrasqueira reforça o clima de quintal e festa, deixando o ar perfumado com promessas de sabores inesquecíveis.

Fechando com doçura, as sobremesas também honram a tradição: sorvete de queijo com calda de goiabada e o pudim clássico, cremoso, com aquela calda dourada e brilhante. É comfort food brasileira na sua melhor forma — comida de respeito, feita para celebrar, para lembrar e para amar.

SERVIÇO

ANTIQUÁRIO DO BREGANHA

Av. Gen. San Martin, 509 - Leblon

Diarimante das 11h às 23h

NOTÍCIAS DA COZINHA

Divulgação

Risotos de inverno

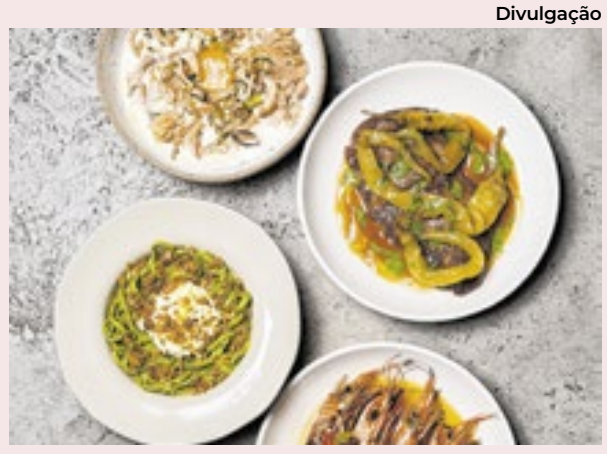
O Juliette Bristô lança temporada especial de risotos para o inverno. A chef Mariana Peres criou três opções: Trocadero (R$ 69) com risoto milanês e picadinho de mignon; Cinearte (foto, R$ 92) com frutos do mar, atum, camarões e polvo; e versão vegana Galeries Lafayette (R$ 59) com beterraba, tahine e cogumelos. O restaurante de gastronomia contemporânea aposta nos pratos cremosos para aquecer a estação. As criações autorais combinam sabores intensos e texturas que chegam fumegantes à mesa dos comensais cariocas durante a temporada mais fria do ano.

Harmonizações

O restaurante La Mole Barra promove nesta sexta e sábado (8 e 9) a 4ª edição do Wine Mix Experience, com estações de couvert. O evento reúne cerca de 70 rótulos nacionais e importados para degustação, além de oferecer jantar com as tradicionais pizzas da casa. Mais de 150 rótulos estarão disponíveis para compra no local. A experiência inclui estações de couvert e harmonizações enogastronômicas. Moradores da Barra e do Recreio terão transporte gratuito na volta, com agendamento prévio. Vagas limitadas.

Ana Paula Vasconcelos/Divulgação

Divulgação



Técnica e brasilidade

O restaurante Amana, sob comando do chef Leo Guida, apresenta um novo menu que une receitas originais e criações inéditas com ingredientes sazonais. Entre as novidades, estão pratos como o tagliolini de espinafre com pesto de limão siciliano e o filé maturado na casa. Além disso, a casa agora abre também aos sábados para almoço, a partir das 12h. As sobremesas também ganham destaque, com o bolo de chocolate com gergelim e mascarpone. O novo cardápio celebra a fusão entre técnica e brasilidade, consolidando o Amana como referência gastronômica.

POR **CARLOS MONTEIRO** | FOTOS E TEXTO

Viajante

(...continuação)

Uma cidade especial com pessoas especiais. Quando lá cheguei, nos primórdios da Rio-Santos, ainda não havia para mim Sônia Braga, a sua mais completa revolução. As ruas tinham nomes de figuras ilustres como Maria Jácome de Mello, mascates pelos caminhos e lojas com estrutura arquitetônica de dois séculos atrás. Muita gente bacana. Cheguei, quando o Zé Murilo, fazia colchas de retalho, de um colorido sutil, como se fora o céu azul-anil das noites Paratienses. Conheci o Seu Costa, da Casa Costa, pai da Maria Inês, que vem a ser avó da Nanda Costa.

Batíamos altos papos. Às vezes, passávamos as tardes conversando. Quando a mãe da Nanda retornava da escola, fazíamos a lição de casa ali naqueles balcões em pinho-de-riga, ornados por marchetaria e emoldurados com vitrines em cristal. Uma alegria!

Na mais linda cidade da Costa-Verde, fiz amizade com o Mauro dos Barquinhos, sujeito simpático e papo agradável que hoje tem a maior loja do Centro Histórico para venda desses artigos artesanais, preparados pelos caiçaras da região.

Outro que se tornou grande parceiro foi Chico Preto, sempre sentado no alpendre de seu quintal, me contando contos, aumentados é claro, de piratas que visitavam a região e de vários tesouros que esconderam pelos terreiros e praias daquele torrão. Viajava em suas histórias fantásticas e, por muitas vezes, fiquei tentado a me munir de uma pá e um detector de metais em busca dessas arcas perdidas. Um desvario!

Na Fazenda Murycana, alambique de primeira, onde era preparada a cachaça azul, à base de casca de tangerina, fiz amizade com Mazinho, apresentado pelo Zé Luiz – dizem que o nome levava, no diminutivo, a fama de seu portador. O fato que sempre me tratou muito bem. Foi meu anfitrião, juntamente com suas quatro companheiras, para intermináveis almoços cujo cardápio – leitão à pururuca, preparava como ninguém. Tudo regado por Murycana Azul. Nessa época, a fazenda abrigava um zoológico com emas e jaguatiricas soltas. Havia uma macaco-prego chamada Lili. Quando ia até àquela herdade, Lili cismava de se aboletar em meus braços. Uma graça!

Outra amiga-perene, da cidade de 358 anos de história, é a Marina Gouvea, poeta, escritora, bordadeira delicada e artista plástica incrível, mulher encantadora e gentil. Eu me deliciava com histórias da cidade contadas por ela, sua colonização e desenvolvimento ao longo dos séculos. Como me hospedava na pousada contígua à sua casa, ficava à noite conversando no alpendrado, por horas, com ela. Uma diversão!

E assim se passaram 46 anos. As estradas foram asfaltadas – finalmente Paraty-Cunha (aleluia!!), o progresso chegou, vieram os filhos, os netos, os bisnetos, outros partiram para o etéreo, se aposentaram, mudaram de cidade. A vida fluiu.

Viajar é preciso, nem que seja no tempo, no coração ou no lembrar!